

Quarteto de Cordas de Matosinhos

17 Mai 2016

19:30 Sala 2

Vitor Vieira *violino*

Juan Maggioranni *violino*

Jorge Alves *viola*

Marco Pereira *violoncelo*

Joseph Haydn

Quarteto de cordas em Dó maior, op. 33 n.º 3, "O Pássaro"

(1781; c.19min.)

1. *Allegro moderato*
2. *Scherzo: Allegretto*
3. *Adagio ma non troppo*
4. *Rondo: Presto*

Eurico Carrapatoso

In illo tempore (2009; c.25min.)

1. *Animato*
2. *Moderato*
3. *Lento*
4. *Moderato*
5. *Animato*

Alfred Schnittke

Quarteto de cordas n.º 3 (1983; c.23min.)

1. *Andante*
2. *Agitato*
3. *Pesante*

Joseph Haydn

ROHRAU (ÁUSTRIA), 31 DE MARÇO DE 1732

VIENA, 31 DE MAIO DE 1809

Quarteto de cordas em Dó maior, op. 33 n.º 3

Em Dezembro de 1781, depois de finalizada a composição de seis quartetos de cordas, Joseph Haydn enviava cartas a potenciais interessados. Nelas referia estes quartetos (op. 33) como sendo "de um género totalmente novo e particular, pois já não os escrevia há dez anos". Sobre esta frase a controvérsia é muita. Os traços discerníveis como mais significativos neles são uma maior aproximação a um imaginário de música "popular" (como entendida no contexto aristocrático do século XVIII a que a obra pertence) e uma exploração mais assumida do humor, que se tornaria um aspecto muito celebrado do legado de Haydn.

O Quarteto op. 33 n.º 3 (Hob.III.39), em Dó maior, é conhecido como "O Pássaro" devido às ornamentações melódicas espalhadas pela peça, que se assemelham ao cantar dos pássaros. Um dos exemplos é desde logo o primeiro tema do *Allegro moderato* (I), pleno de frescura e leveza, que insiste na nota Sol e a ornamenta antes de se libertar, veloz, num registo mais amplo. O tema secundário, executado por primeiro e segundo violinos, traz uma simplicidade quase pueril. No desenvolvimento a textura fica mais densa pela maior interacção polifónica, a paleta mais carregada, explorando tonalidade menor e culminando numa expressão harmonicamente tensa, particularmente expressiva, antes da chegada à reexposição. Na coda, uma aparente repetição do tema inicial põe um ponto final inesperado ao andamento. O *Allegretto* que se segue (II) destaca-se pela escrita homófona, num registo mais contido. Na secção central (designada tradicionalmente por Trio), esta peça traz, na verdade, um duo: os dois violinos dialogam, utilizando trilos e ornamentos que justificam, mais do que em qualquer outra passagem da obra, o epíteto que lhe ficou associado. O terceiro andamento (*Adagio ma non troppo*) oferece um lirismo e uma riqueza harmónica sem prejuízo de transparência, numa expressão calma que habilmente abre espaço para uma textura mais movimentada. Ao longo do andamento as técnicas de variação são usadas com mestria nas repetições. O *Finale* (IV), em andamento rápido, de uma jocosidade enérgica e contagiante, explora de forma assertiva a sugestão "popular" em forma rondó (como de resto será típico nos andamentos finais de Haydn). O brio instrumental é reforçado pelos episódios imbuídos dos estereótipos de música "húngara" da época, com notas rápidas em ágeis *staccatos*. Astrocas motivicas entre instrumentos abundam, até aos compassos finais que terminam a peça com espírito leve e lúdico.

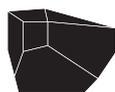
PEDRO ALMEIDA, 2016

Eurico Carrapatoso

MIRANDELA, 15 DE FEVEREIRO DE 1962

In illo tempore

Quando fui contactado por Manuel Dias da Fonseca para escrever uma obra para o Quarteto de Cordas de Matosinhos, tive emoções contraditórias, num misto de entusiasmo e de ansiedade. O quarteto de cordas é o recipiente de grandes obras da história da música. É, quiçá, o clássico dos clássicos. Algumas das nossas



casa da música

obras favoritas foram projectadas nesta formação de tamanha homogeneidade tímbrica e perfeito equilíbrio sonoro.

De Haydn a Mozart, de Beethoven a Mendelssohn, de Zemlinsky a Webern, de Debussy a Ravel, de Bartók a Ligeti: um conjunto esplêndido de obras-primas que deixaram uma herança asfixiante. E quantas dessas obras não estão sedimentadas na nossa memória afectiva? Fazem parte da nossa cultura, dos nossos afectos, da nossa vida.

O peso da história exerce uma enorme pressão: como a água dos mares a grandes profundidades. Por vezes apeteceu-me baixar os braços e desistir. Horas más, de marasmo, de desassossego estético. Mas não é o desassossego, afinal, o trilha da invenção?

Segui o conselho de Ravel, quando lhe perguntaram se esperava pela inspiração para compor. Respondeu: “*Estou todos os dias à mesa de trabalho entre as 9h e o meio-dia. Almoço e regresso ao trabalho entre as 14h e as 19h. Se a inspiração quiser aparecer, sabe perfeitamente onde me encontrar.*”

Resolvi não baixar os braços. Antes cantar a memória daqueles mestres amados. Daí o título: *in illo tempore*. Compondo, vou espargindo a sua memória através da minha. Como diria Camões “*Se forem bons, é o mote de V.M.; se maus, são as glosas minhas.*”

EURICO CARRAPATOSO, 2009

Alfred Schnittke

ENGELS, 24 DE NOVEMBRO DE 1934

HAMBURGO, 3 DE AGOSTO DE 1998

Quarteto de cordas n.º 3

Na obra do russo Alfred Schnittke, velhas dicotomias como tradição/modernidade, coerência/discrepância ou erudito/popular foram assumindo contornos peculiares, muitas vezes irónicos e surpreendentes. A procura que Schnittke levou a cabo desafiou convenções, resultando no chamado “poliestilismo”, que põe em evidência uma percepção invulgarmente descomprometida do passado, implicando uma profunda resignificação de fragmentos e conceitos musicais aparentemente inconciliáveis, assim configurando um inusitado espelho do quotidiano do seu tempo.

Composto no Verão de 1983, o Quarteto de cordas n.º 3 é exemplo particularmente claro desta concepção. Nos primeiros compassos do *Andante* que abre a peça, surgem justapostos os improváveis materiais basilares, resgatados de três obras do passado: uma passagem cadencial do *Stabat Mater* de Orlando di Lasso, o motivo inicial da *Grande Fuga* op. 133 para quarteto de cordas de Beethoven e a sequência de notas Ré – Mi bemol – Dó – Si (a conhecida representação musical do nome de Dmitri Chostakovitch, se expresso segundo a nomenclatura alemã: “DSCH”). A criatividade descomplexada de Schnittke ilumina as possíveis afinidades entre os diferentes materiais: os motivos são gradualmente transformados e inter-relacionados até ao ponto em que os resultados assumem uma existência autónoma, num processo que traz à memória a ideia da “variação contínua” patente na escrita de Brahms. No segundo andamento, *Agitato*, Schnittke tira partido das possibilidades de contraste em termos de forma e textura.

Ao mesmo tempo que utiliza materiais derivados dos mesmos excertos fundamentais e demonstra uma afinidade clara com as sonoridades e texturas tradicionais do género (desde Haydn a Bartók, numa óptica tipicamente aberta), aposta numa alternância entre episódios de intenso dramatismo e momentos mais estáticos. No *Pesante* final, a obra retoma um tom solene, desenvolvendo as pontas soltas do primeiro andamento, num tratamento mais cromático e dolente, cujo culminar traz o memorável efeito final de *pizzicatos* que se vão rarefazendo sobre etéreas notas sustentadas.

PEDRO ALMEIDA, 2016

Quarteto de Cordas de Matosinhos

Aclamado como um “caso singular de excelência no panorama musical português” (Diana Ferreira, Público, 2010), o Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) foi criado pela Câmara Municipal de Matosinhos através de um concurso público. Desde 2008 é residente desta cidade, onde desenvolve uma temporada regular de concertos.

Na temporada de 2014/15, o QCM foi escolhido como um dos ECHO Rising Stars, realizando uma tournée de 16 concertos em algumas das mais importantes salas de concerto europeias, como o Barbican em Londres, o Concertgebouw em Amesterdão, o Musikverein em Viena, as Philharmonies de Hamburgo e Colónia e a Konzerthaus em Dortmund. Apresenta-se também regularmente nas maiores salas de concerto portuguesas, como a Casa da Música, Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Cultural de Belém, e colabora com alguns dos mais destacados músicos portugueses, tais como Pedro Burmester, António Rosado, Miguel Borges Coelho, António Saiote, Paulo Gaio Lima e Pedro Carneiro.

Desde a sua criação, o QCM assumiu um forte compromisso com o repertório português para quarteto de cordas, interpretando muitas obras menos conhecidas e abraçando novas obras de compositores contemporâneos: estreou já mais de 20 novas obras. O outro principal objectivo artístico do QCM vem sendo cumprido com a interpretação em Matosinhos do grande repertório para quarteto de cordas: as obras completas de Mozart e Mendelssohn foram já apresentadas, estando em curso as integrais de Haydn, Beethoven e Chostakovitch.

O QCM e os seus membros foram reconhecidos com prémios nos mais importantes concursos musicais nacionais, como o Prémio Jovens Músicos da RDP e o Concurso Internacional de Música de Câmara “Cidade de Alcobaça”. Todos os membros estudaram na Academia Nacional Superior de Orquestra e aperfeiçoaram a sua arte em várias escolas de prestígio, incluindo a Escuela Superior de Música Reina Sofia (Madrid), a Northwestern University (Chicago) e o Conservatório de Sion (Suíça). O QCM também realizou formação especializada no Instituto Internacional de Música de Câmara de Madrid, onde estudou com Rainer Schmidt (violinista do Quarteto Hagen), além de trabalhar em masterclasses com membros de grandes quartetos de cordas, como os Quartetos Alban Berg, Lasalle, Emerson, Melos, Vermeer, Kopelman e Talich.